

FUTEBOL FEMININO NA ESCOLA

Incentivo, Inclusão e Protagonismo
das Meninas no Esporte Escolar



Autores:

YAN LUIS BARROS DUARTE e DAURIMAR PINHEIRO LEÃO



DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Autores: Yan Luis Barros Duarte e Daurimar Pinheiro Leão

Projeto gráfico: Yan Luis Barros Duarte

Título: Futebol feminino na escola - Incentivo, Inclusão e Protagonismo das meninas no esporte escolar

Origem do produto: Produzido no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF/UFAM), a partir da dissertação intitulada “Gênero e o futebol feminino na escola: Uma proposta pedagógica de educação física nas séries finais do ensino fundamental”.

Finalidade: Apresentar ferramentas de ensino para professores de Educação Física que atuem na segunda etapa do Ensino Fundamental que tenham dificuldades de tratar com as relações de gênero, sobretudo no ensino e prática do Futebol.

Registro do produtos: Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Amazonas

Disponibilidade: Acesso livre, mencionando fonte/autoria. Não é permitida a comercialização deste produto.

Instituições envolvidas: Universidade Federal do Amazonas - UFAM; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Apoio financeiro e institucional: Financiamento Próprio

Divulgação: Meio digital

URL do produto: Arquivos do Repositório da UFAM (<https://tede.ufam.edu.br>)

Idioma: Português

Cidade/Estado: Amazonas

País: Brasil

Ano: 2025

APRESENTAÇÃO

Olá, professora! Olá, professor!

Este caderno pedagógico surgiu através de uma pesquisa de mestrado, que buscou entender a realidade em que estão inseridas as meninas durante as aulas de Educação Física na segunda etapa do Ensino Fundamental, mais precisamente durante as práticas e aprendizagens sobre o Futebol.

Como bem sabemos, o futebol é a principal modalidade esportiva do Brasil, mas, que historicamente foi tratada como uma prática masculina, o que até hoje causa impactos sobre a sua prática.

Durante a pesquisa de mestrado, muitas meninas relataram medo, preconceito, vergonha, machismo e falta de oportunidades como barreiras para que possam praticar o futebol na escola.

Entendendo a escola como um espaço plural e de oportunidades, criamos este caderno para tentar auxiliar na condução de atividades que favoreçam a equidade no aprendizado e na prática de futebol por parte dos estudantes, independente do gênero.

Aqui você irá encontrar conteúdos históricos, sociais e de natureza prática, aos quais poderão ser utilizados em suas aulas com conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais.

Esperamos que goste.



AUTORES



Yan Luis Barros Duarte

- *Mestre em Educação Física (UFAM)*
- *Professor de Educação Física (SEMED Manaus)*
- *Treinador de futebol de base*

Daurimar Pinheiro Leão

- *Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia (UFAM)*
- *Mestre em Educação Física (USP)*
- *Docente Associado (FEFF/UFAM)*



SUMÁRIO

1. Os primórdios da prática do futebol feminino no Brasil.....	5
2. Futebol para mulheres? Proibido!.....	6
3. A regulamentação e os primeiros passos.....	8
4. A história da Seleção Brasileira Feminina.....	9
5. O futebol feminino no Amazonas.....	12
6. Gênero, futebol e educação física.....	17
7. Jogos e Atividades.....	23
8. Considerações finais.....	33
9. Referências.....	34



OS PRIMÓRDIOS DA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Os primeiros registros da prática do futebol feminino no Brasil datam do início do século XX. Por muito tempo, a “partida entre senhoritas Tremebeenses e Cantareirenses” registrada pelo jornal A Gazeta e disputada em junho de 1921 na cidade de São Paulo, foi o primeiro vestígio de disputa de futebol entre equipes formadas por mulheres no Brasil (Goellner, 2005). No entanto, Bonfim (2019) aponta que em 26 de novembro de 1915, houve uma partida entre meninas do Vila Izabel FC, no campo do zoológico do Rio de Janeiro, sendo este o mais antigo vestígio de uma partida de futebol feminino no Brasil. A partir destes marcos, as práticas femininas de futebol avançaram nos anos seguintes, principalmente na região sudeste, nas zonas periféricas das cidades e como apresentações em espetáculos de circo.



Figura 1: representação de uma partida de futebol feminino no início do Século XX. Fonte: criada pelo autor.

Dica

Pode se realizar em sala de aula uma roda de conversa abordando as vestimentas da época, fazendo um comparativo com as vestimentas atuais. Quais as diferenças? Como elas mudaram em relação ao jogo?

FUTEBOL PARA MULHERES? PROIBIDO!



O FOOTBALL MATA A GRAÇA DA MULHER

CONTINUA PROIBIDO O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Reuniu-se ontem de manhã o Conselho Nacional de Desportos sob a presidência do Sr. José Maria Paula de Ramos, presidente em exercício.

As principais decisões tomadas foram as seguintes: continua formalmente proibido em todo o território da União a prática do futebol feminino; foi negada ao São Paulo a possibilidade de...



IMPEDIDO PELA POLÍCIA O FUTEBOL FEMININO

Ordem e organização, os imperativos exigidos pelas nossas autoridades, para a realização das partidas — entre moças —

O futebol feminino, ora praticado nesta capital, onde já alcançou rápido desenvolvimento, tem sido impedido pela ordem e organização exigidas pelas autoridades, para a realização das partidas entre moças.

Figura 2: Mosaico de reportagens sobre a proibição do futebol feminino no Brasil. Fonte: criada pelo autor.

Parece absurdo, mas os recortes de jornais da página anterior são reais. Eles retratam o período em que o futebol feminino foi PROIBIDO no Brasil.

Em 14 de abril 1941 foi publicado o Decreto-Lei nº 3.199, outorgado pelo então presidente Getúlio Vargas. Nele foi criado o Conselho Nacional de Desportos (CND), além de instituir a base de organização dos desportos em todo o país. Em seu artigo 54, o artigo estabelecia:

“Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

O decreto oficializou a proibição de algumas práticas esportivas para mulheres, justificando tal medida a partir da ideia de preservação do corpo feminino, portador de uma “natureza frágil”. O futebol, assim como outras modalidades, apesar de não aparecer descrito no regulamento, estava entre os esportes considerados inapropriados às mulheres. Somente em 1965, 1 ano após a instalação do Regime Militar, é que são detalhados quais os esportes não podem ser praticados por mulheres: “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e beisebol” (Silva, 2015).

Durante essa proibição, muitas mulheres se arriscaram de forma “clandestina” para continuar jogando, principalmente em terrenos baldios afastados, sendo vítimas de força policial. Essa fase obscura durou até 1979, quando a Deliberação 10/79 do CND permitiu as práticas esportivas femininas antes proibidas.



A REGULAMENTAÇÃO E OS PRIMEIROS PASSOS

A deliberação 10/79 do Conselho Nacional de Desportos instruía que:

“Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observando o disposto na presente deliberação”

Costa (2017) destaca a grande quantidade de mulheres jogando futebol nas praias e locais públicos após essa deliberação. No entanto, apenas em março de 1983 o CND publicou o texto que garantia as regras permitindo a prática do futebol feminino no Brasil.

A partir daí se viu uma grande quantidade de equipes femininas sendo formadas. No mesmo ano da regulamentação, foi organizada a primeira grande competição nacional, a Taça Brasil de Futebol Feminino 1983 . Os primeiros passos na organização de competições e equipes foi, em grande parte, responsabilidade daquele que viria a ser o principal time de futebol feminino do país na década de 1980, o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro. O Radar conseguiu atrair investidores ao longo de sua história, o que lhe permitiu realizar competições e fazer diversas excursões pelo exterior, inclusive para a Europa.



Figura 3: Time do E.C. Radar no início da década de 1980. Fonte: Museu do Futebol

E.C. RADAR

Principal expoente do futebol feminino após a liberação da prática da modalidade.

*7 vezes campeão nacional seguido:
1983 a 1989*

A HISTÓRIA DA SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA

O Radar foi base para a primeira partida da seleção brasileira feminina, ocorrida em 1986, quando disputou um amistoso contra a seleção dos Estados Unidos. Vale ressaltar que a CBF só passa a gerir a Seleção Brasileira em 1988, quando a FIFA organiza um Torneio Experimental de seleções, disputado na China (Dacosta, 2005). Nesse torneio, novamente o time do Radar foi base para a seleção brasileira, que acabou com a 3ª colocação na competição, ao vencer a China na disputa de terceiro lugar.



Figura 4: Seleção Brasileira no Torneio Experimental da China, em 1988. Fonte: Museu do Futebol

Em 1991 foi realizada pela FIFA a primeira Copa do Mundo feminina, marcando a estreia da Seleção Brasileira em mundiais. Diferentemente do Torneio Experimental de 1988, o desempenho da seleção foi mais modesto, não conseguindo avançar de fase em um grupo que continha Estados Unidos, Suécia e Japão. O Brasil ficou apenas em 9º lugar na classificação geral, de um total de 12 equipes. Mas, também em 1991, a Seleção Brasileira teve sua primeira relevante conquista, a Copa América, realizada pela CONMEBOL, de forma invicta.

Desde então, o Brasil participou de todas as edições da Copa do Mundo feminina, tendo como melhor resultado até agora, o segundo lugar em 2007, e apesar de não ter conquistado títulos, é considerada uma das seleções mais tradicionais do mundo.

Na América do Sul, o Brasil tem a principal seleção de futebol feminino do continente. Em 10 edições de Copa América realizadas pela CONMEBOL, o Brasil venceu 9, perdendo apenas a edição de 2006, que foi conquistada pela Argentina. Na edição de 2025, o Brasil teve sua conquista mais recente, ao vencer a final sobre a Colômbia nos pênaltis.



Figura 5: Seleção Brasileira campeã da Copa América 2025. Fonte: CONMEBOL

Dica

Podem ser discutidas com os alunos, as questões que pesam para o Brasil não ter alcançado títulos fora da América do Sul. Será que nos outros continente há mais valorização e investimento que aqui?

A história da Seleção Brasileira feminina é recente, principalmente se comparada a seleção masculina. Enquanto a primeira seleção masculina foi formada em 1914, a feminina só “apareceu” em 1986, mais de 70 anos depois.

Apesar de curta, a história da Seleção Brasileira foi e é construída por muitas mãos, de mulheres que sonharam e batalharam pelo seu espaço.

Em 2021, o jornal O GLOBO reuniu 56 atletas, dirigentes, treinadores e jornalistas para eleger as maiores jogadoras brasileiras da história.

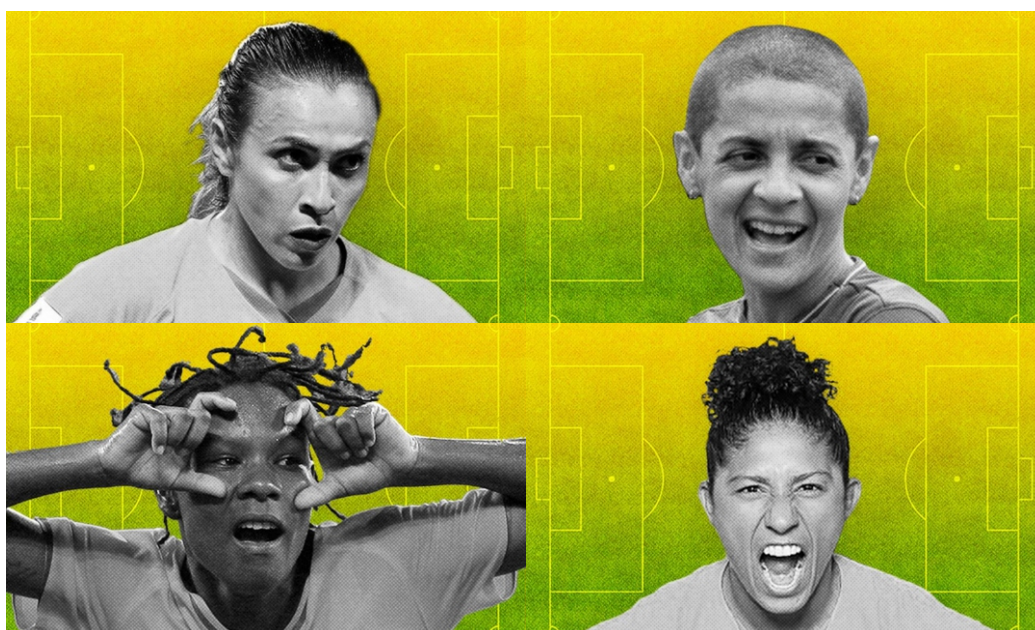


Figura 6: Marta, Sissi, Formiga e Cristiane. Fonte: O GLOBO

Eleita 6 vezes a melhor jogadora do mundo pela FIFA, Marta lidera o ranking das maiores jogadoras brasileiras da história. Em 2º aparece a craque Sissi, que antes de Marta era a principal jogadora da seleção, vestindo a camisa 10 desde a primeira competição, em 1988. Em 3º, a volante Formiga, que é atleta que mais vestiu a camisa da Seleção Brasileira, independente do gênero, bem como a atleta com mais participações em Copas do Mundo, 7 no total. Em 4º lugar aparece a atacante Cristiane, que é a maior artilheira da história dos Jogos Olímpicos, independente do gênero.

Muitas grandes atletas merecem o devido reconhecimento, como Fanta, Pretinha, Katia Cilene, Roseli, Rosana, Michael Jackson, entre outras.

O FUTEBOL FEMININO NO AMAZONAS

O primeiro registro sobre a prática de futebol por mulheres no estado do Amazonas é datado de 1915. Em sua edição nº 4, o jornal “A Encrenca” noticia o “flagra” de moças jogando futebol na Praça Floriano Peixoto, à noite. A então praça existia onde atualmente funciona o Hospital Militar do Amazonas, no bairro Cachoeirinha.

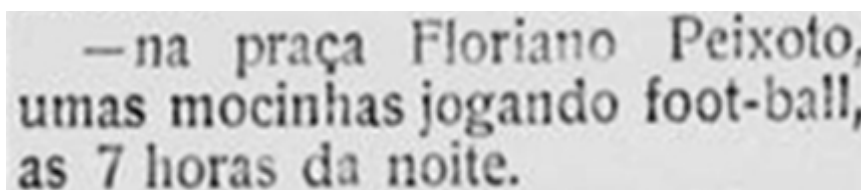


Figura 7: Matéria de novembro de 1915. Fonte: Jornal A Encrenca

Este registro é um dos mais antigos do Brasil, no mesmo período do registro da partida das moças do Vila Izabel FC, no Rio de Janeiro em 1915, o que indica que o Amazonas foi um dos pioneiros na prática do futebol feminino no país.

Embora hajam registros de rumores de possíveis jogos entre mulheres nos anos seguintes, o primeiro registro de uma partida organizada e amplamente divulgada, aparece apenas em 1940. Na ocasião, pelas comemorações do aniversário do Atlético Rio Negro Clube, houveram algumas partidas de futebol no estádio do Parque Amazonense entre equipes de sócios e atletas do clube. Uma dessas partidas, foi entre moças e senhoras do Departamento Feminino do clube, que se dividiram em dois times. A partida foi disputada em 2 tempos, contando com arbitragem e teve o placar de 1 a 0, com gol da rionegrina Cacy, que deu a vitória para o seu time.

Dica

Pode ser feita com os alunos uma pesquisa sobre esses locais da cidade de Manaus (Praça Floriano Peixoto e Estádio Parque Amazonense) e suas importâncias para a época.

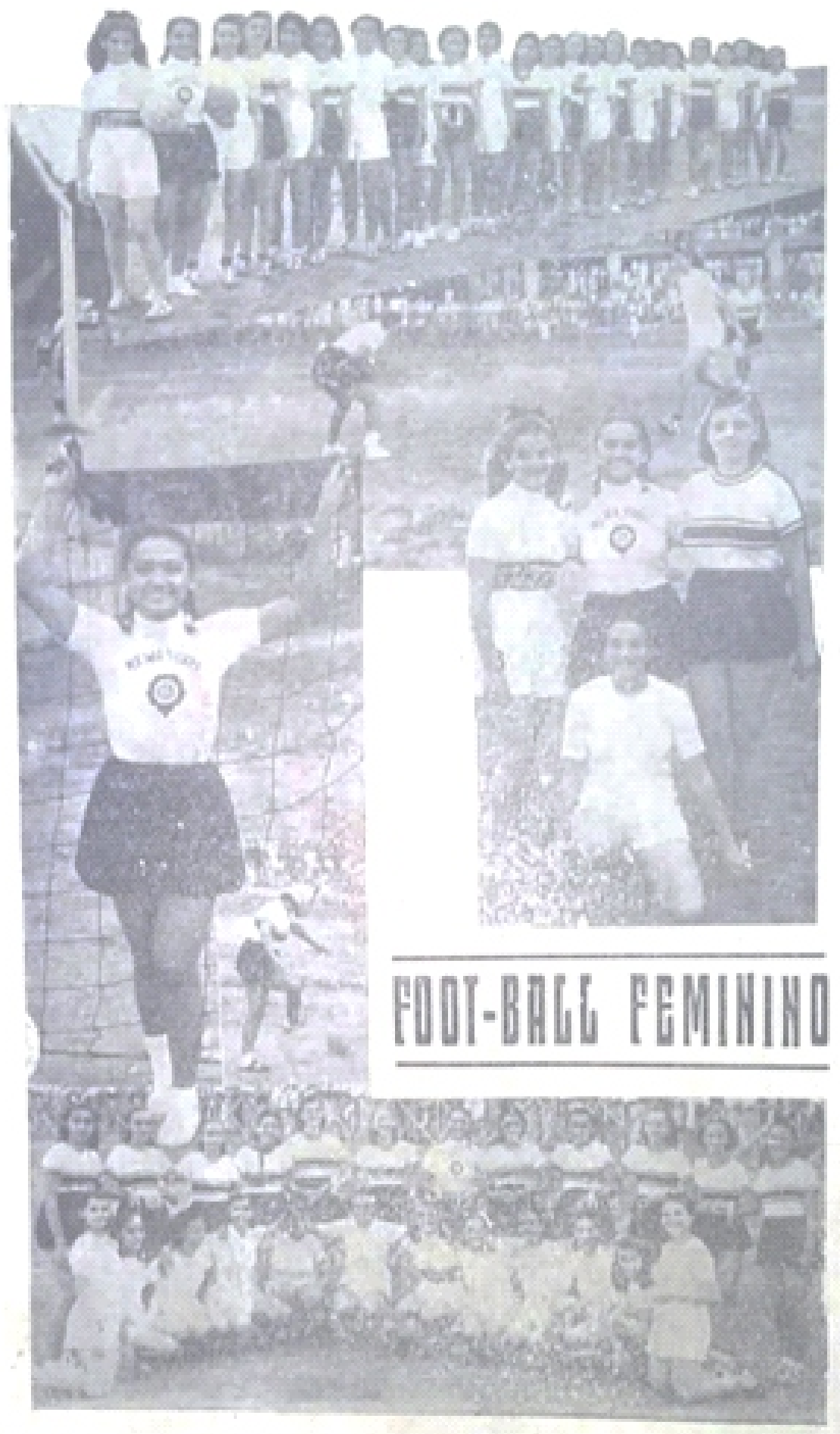


Figura 8: Imagens do primeiro grande jogo de futebol entre mulheres no Amazonas, em 1940. Fonte: Museu Rio Negro.

As competições oficiais de futebol feminino no Amazonas só surgiram após a regulamentação da modalidade pelo CND. Em 1983, a Federação Amazonense de Futebol (FAF) organizou a primeira competição entre equipes femininas no Amazonas. O torneio foi de caráter experimental, sendo chamado de Torneio Aberto, que teve o Sul América como campeão. O sucesso desta primeira competição encorajou a FAF a organizar o primeiro Campeonato Amazonense de Futebol Feminino em 1984, que foi disputado pelas equipes do Sul América, Fast Club, Nacional F.C., Cheik Club, Libermorro e Tarumã. O primeiro clube Campeão Amazonense de Futebol Feminino foi o Sul América, que venceu o Fast Club na final.

O Sul América E.C. foi a principal equipe feminina do Amazonas na década de 1980, empilhando conquistas e representando por diversas vezes o Amazonas na Taça Brasil de Clubes. Em 1991, o clube viveu seu principal momento, ao conquistar o Torneio Nacional de 1991, que foi realizado na cidade de Mairinque (SP). Na ocasião, o Sul América enfrentou grandes equipes do futebol feminino brasileiro, como o SAAD (SP) e o Vasco da Gama (RJ). O título veio com a vitória na final por 1x0 sobre o Independente (PA).

Segundo a Federação Amazonense de Futebol (FAF), o Campeonato Amazonense de Futebol Feminino vem sendo disputado de forma ininterrupta desde 2007. Antes desse período, a realização da competição tinha hiatos de tempo, sendo disputadas em anos sim, em anos não. A regularidade na realização do Campeonato Amazonense Feminino promoveu o aparecimento de novas equipes com destaque local e nacional, como o Esporte Clube Iranduba da Amazônia e o 3B da Amazônia.



Fundado em 2011, o Iranduba marcou época e foi uma referência no futebol feminino do Amazonas, alcançando destaque nacional e internacional. Já no seu ano de fundação foi Campeão Amazonense e disputou a Copa do Brasil Feminina. O clube enfileirou 8 títulos consecutivos do Campeonato Amazonense Feminino, de 2011 a 2018. Participou também do Campeonato Brasileiro Feminino de forma consecutiva de 2013 até 2020, chegando as semifinais em 2017, ano em que teve seu melhor desempenho na competição. Neste período, contou com jogadoras de Seleção Brasileira, como Djeni e Andressinha, que ajudaram o Iranduba a se tornar um sucesso de público em jogos do Campeonato Brasileiro Feminino, gerando destaque nacional a equipe. Nesse período, Manaus ficou conhecida na mídia esportiva brasileira como a “capital nacional do futebol feminino” (UOL, 2017), devido ao grande público presente nos jogos do Iranduba. Tamanho destaque e interesse da população manauara nos jogos de futebol feminino levaram a Confederação Sul-americana de Futebol (CONMEBOL) a realizar a Copa Libertadores Feminina em Manaus, no ano de 2018. A competição teve o Atlético Huila (Colômbia) como campeão, o Santos F.C. (São Paulo) como vice-campeão e o Iranduba em 3º lugar.



Figura 9: Iranduba na Copa Libertadores 2018. Fonte: CONMEBOL

Outro clube que apareceu com grande destaque no futebol feminino do Amazonas foi a Associação 3B da Amazônia. Fundado em 2017, logo no primeiro chegou à final do Campeonato Amazonense, perdendo a decisão para o Iranduba, mas, conquistando a vaga para o Campeonato Brasileiro Série A-2 de 2018. Em 2018, foi novamente vice-campeão amazonense perdendo o título novamente para o Iranduba e, na segunda divisão nacional, foi eliminado na fase semifinal, não conseguindo o acesso para a primeira divisão.

Em 2019 o 3B finalmente conquistou o Campeonato Amazonense Feminino, iniciando o processo de uma nova hegemonia no futebol feminino do Amazonas. O título amazonense também ficou com o 3B em 2021, 2023 e 2024. A nível nacional, o 3B foi vice-campeão Brasileiro da Série A-2 em 2024, ao ser derrotado na decisão para a equipe do BAHIA E.C., esse resultado deu à equipe o direito de disputar a primeira divisão do futebol feminino em 2025, competição que nenhum clube amazonense jogava desde 2020.



Figura 10: 3B da Amazônia, Vice-campeão Brasileiro A-2. Fonte: CBF

GÊNERO, FUTEBOL E EDUCAÇÃO FÍSICA

A desigualdade de gênero é um fenômeno estrutural que atravessa diversas dimensões da sociedade, manifestando-se de forma particularmente intensa nos espaços educacionais. Na Educação Física escolar, essas desigualdades tornam-se visíveis tanto nas práticas pedagógicas quanto nas formas de participação dos estudantes, refletindo e reforçando estereótipos historicamente construídos sobre o que é “adequado” para meninos e meninas.

Mas... Afinal, o que é gênero?

O conceito de gênero tem se constituído como uma das mais relevantes categorias analíticas para a compreensão das relações sociais, especialmente quando se trata de desigualdades estruturais. Diferente do sexo biológico, que se baseia em características anatômicas e fisiológicas (como genitais, cromossomos e hormônios), o gênero é uma construção social que varia de acordo com o tempo, o espaço e as normas culturais de cada sociedade.

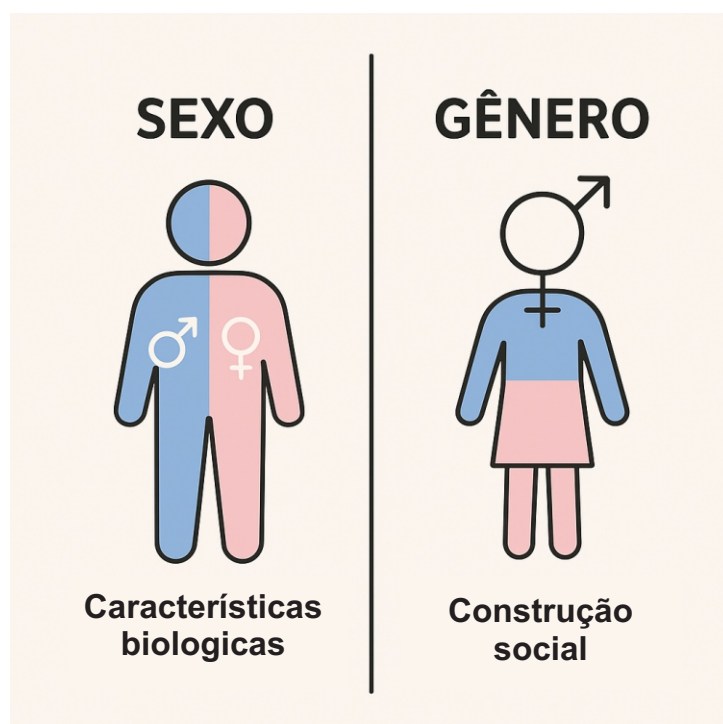


Figura 11: Representação da diferença entre Sexo e Gênero. Fonte: Criado pelo autor

As definições atuais de gênero e suas aplicações são baseadas nas observações de Simone de Beauvoir, de que “não se nasce mulher”, classificando gênero como uma característica construída. Scott (1995) destaca que o gênero opera como uma lente através da qual se constroem significados sociais sobre o corpo, o desejo, o poder e a identidade. Dessa forma, o gênero não é fixo nem natural: é performativo, relacional e atravessado por fatores como classe, raça, sexualidade e geração. Uma definição de gênero trazida pela autora diz que:

“Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995).

Tal conceito emerge principalmente nos estudos das ciências humanas e sociais para distinguir as características culturais atribuídas ao masculino e ao feminino. Enquanto o sexo é visto como uma categoria da biologia, o gênero é uma categoria da cultura. A forma como uma sociedade define o que é ser homem ou mulher e os comportamentos esperados de cada um, não é universal, mas sim moldada por contextos históricos, religiosos, econômicos e políticos.

Assim, compreender o gênero é compreender também os dispositivos que regulam e normatizam condutas consideradas “adequadas” para meninos e meninas, homens e mulheres, sobretudo em espaços de formação como a escola.



E como esses conceitos se relacionam com o Futebol?

Segundo Scott (1995), o gênero deve ser entendido como uma categoria útil de análise histórica, ou seja, uma ferramenta para investigar como as diferenças entre homens e mulheres são produzidas, naturalizadas e institucionalizadas ao longo do tempo. O futebol, nesse sentido, oferece um campo privilegiado para examinar a construção do masculino como norma.



Figura 12: O futebol como território masculino. Fonte: Criado pelo autor

Desde suas origens modernas no século XIX, o futebol foi vinculado a ideias de virilidade, força física, agressividade e domínio público, atributos tradicionalmente associados ao ideal de masculinidade. Nesse processo, o esporte foi se tornando um território hegemonicamente masculino, onde as mulheres eram vistas como espectadoras passivas ou completamente excluídas.

O futebol não é apenas um reflexo de normas de gênero; ele participa ativamente na produção da masculinidade. Para muitos meninos, jogar futebol é um rito de passagem socialmente incentivado, enquanto meninas que demonstram interesse ou habilidade frequentemente enfrentam resistência ou preconceito. A prática do futebol reforça a ideia de que o corpo masculino é forte, competitivo, racional e público, enquanto o corpo feminino seria frágil, passivo, emocional e doméstico. Assim, o esporte opera como um dispositivo de gênero que reproduz desigualdades simbólicas.

Nos últimos anos, a presença de mulheres no futebol cresceu, tanto como atletas profissionais quanto em torcidas organizadas e na mídia esportiva. Essa presença desafia a lógica histórica que associa o futebol ao masculino. No entanto, a desigualdade de visibilidade, investimento, cobertura midiática e remuneração persiste, mostrando que a disputa simbólica ainda está em curso. A análise de Scott nos ajuda a entender que essa disputa não é apenas por espaço físico ou reconhecimento, mas por mudanças nas estruturas discursivas e institucionais que produzem o futebol como território de poder masculino, ainda longe de uma equidade de gênero.

E qual o papel da Educação Física em busca dessa equidade?

No âmbito da Educação Física, essa compreensão é essencial para desmontar práticas que, historicamente, contribuíram para a exclusão e invisibilização de corpos femininos em determinadas modalidades esportivas, como o futebol.



Historicamente, as normas de gênero têm desempenhado um papel significativo em moldar as expectativas e oportunidades para a participação das meninas na educação física. Durante grande parte do século XX, as meninas eram frequentemente desencorajadas de participar de atividades físicas mais intensas, como os esportes que exigiam maior vigor e contato físico, dando ênfase em atividades consideradas mais “apropriadas” para o gênero feminino (Prado et al., 2016), como dança e ginástica.



Figura 13: Diferença de atividades para meninos e meninas na Educação Física. Fonte: Criado pelo autor

Desta forma, meninos e meninas realizavam atividades diferentes e de maneira separada nas aulas de educação física (Romero, 1994). Esta diferenciação de experiências contribui diretamente para a diferença das habilidades adquiridas entre meninos e meninas, afetando o nível de envolvimento destes indivíduos com as práticas corporais e consequentemente, com a educação física

Louro (2014) afirma que embora possa existir diferença de gênero em outros ambientes da escola e em atividades de outras matérias, é na educação física que essa diferença fica mais evidente, pelo protagonismo do corpo, das habilidades e das valências físicas.

Poderia então, o esporte ser trabalhado de maneira a contribuir com a integração entre os gêneros na educação física?

Entendemos que sim!

Segundo Bracht (1997):

O esporte tratado e privilegiado na escola pode ser aquele que atribui um significado menos central ao rendimento máximo e à competição, e procura permitir aos educandos vivenciar também formas de prática esportiva que privilegiem antes o rendimento possível e a cooperação.

Assim, o esporte, enquanto protagonista da educação física escolar, não deve ser tratado como vilão, mas sim como aliado em busca da igualdade de gênero nas aulas.

Deve então o esporte ser utilizado na escola de maneira educativa, visando a equidade entre os alunos e alunas. O envolvimento de meninas e meninos na prática esportiva pode ajudar a desconstruir estereótipos tradicionais de gênero. Quando meninas participam de esportes tradicionalmente considerados "masculinos" e vice-versa, os preconceitos tendem a ser desafiados e reduzidos.

A seguir, apresentaremos algumas atividades que podem ser utilizadas nas aulas de Educação Física a fim de favorecer a participação das meninas na prática do futebol.



JOGOS E ATIVIDADES

Nesta sessão, apresentaremos alguns jogos e atividades que podem ser utilizados nas aulas de Educação Física, a fim de favorecer a participação de todos os alunos, independente do seu gênero.

Vale ressaltar, que você, professora ou professor, tem total liberdade para modificar as atividades aqui propostas, de forma que favoreça a melhor aplicação das mesmas em sua realidade, de acordo com suas possibilidades de espaço, material e número de alunos.

Importante destacar também, que não delimitamos para qual série cada atividade deve ser utilizada, a fim de que você, como conhecedor de seu público, possa escolher quais jogos e atividades estejam mais adequados para suas turmas.

Esperamos que gostem!





Figura 14: Representação do jogo fute duplas. Fonte: Criado pelo autor

Jogo: Futeduplas

Objetivo:

Vivenciar o jogo do futebol com uma organização diferente, propiciando a cooperação.

Duração: 1 aula

Local: Quadra/campo/pátio da escola

Desenvolvimento:

Organização/recursos materiais:

Serão utilizadas duas traves, que podem ser feitas de cones ou garrafas pet, caso a escola não tenha traves de tamanho oficial. Será utilizada uma bola de futebol ou similar.

Organização da turma:

A turma será organizada em equipes. Cada equipe será composta por duas, três ou quatro duplas, a depender do tamanho do espaço disponível para a atividade, conforme percepção do professor. É importante que as duplas sejam compostas por um menino e uma menina.

Organização da atividade:

Duas equipes irão se enfrentar a cada jogo. Para goleiro, o professor pode decidir se deixa uma dupla ou um aluno/aluna.

O jogo seguirá as regras do jogo do futebol, sendo que as duplas não podem, em hipótese alguma soltar as mãos, sendo falta caso ocorra. Por estarem de mãos dadas, o arremesso lateral pode ser cobrado com os pés.

Vence a equipe que marcar mais gols ao fim do tempo determinado pelo professor.

Observações:

O professor pode optar em formar trios, caso haja um grande número de alunos.

Avaliação da atividade:

Ao final do jogo, solicite às equipes que deem sugestões de variações para a atividade, colhendo a avaliação deles sobre a dinâmica.

3ª ETAPA

4ª ETAPA

1ª ETAPA

2ª ETAPA



Figura 15: Representação do jogo futecone. Fonte: Criado pelo autor

Jogo: Futecone

Objetivo:

Trabalhar a condução e controle de bola em movimentos com troca de direção.

Duração: 1 aula

Local: Quadra/campo/pátio da escola

Desenvolvimento:

Organização/recursos materiais:

O ideal será utilizar um cone e uma bola para cada aluno. O cone pode ser substituído por cones chineses, garrafas ou por marcações de giz no chão. Podem ser utilizadas diferentes tipos de bolas.

Organização da atividade:

Os cones serão distribuídos pelo espaço, de forma que fiquem a certa distância, um do outro. Cada aluno irá se posicionar ao lado de um cone, tendo uma bola em seus pés.

Ao sinal do professor, os alunos irão sair dos cones que estão, buscando outro cone, o mais rápido possível, conduzindo a bola com os pés.

Observações:

O professor pode, a cada sinal, retirar um cone da atividade, fazendo com que um ou mais alunos “sobrem” sem cones, estimulando a participação ativa no jogo.

Avaliação da atividade:

Durante o jogo, avalie a forma como os alunos praticam a condução, dando dicas de como otimizar esse processo. Ao fim do jogo, reúna os alunos, a fim de que eles exponham suas dificuldades e percepções sobre a atividade.

3ª ETAPA

4ª ETAPA

1ª ETAPA

2ª ETAPA

Organização da turma:

O trabalho será realizado de maneira individual, com todos os alunos ao mesmo tempo. Caso a quantidade de alunos não seja compatível com o tamanho do espaço disponível ou a quantidade de materiais, o(a) professor(a) pode organizar grupos para revezar na prática da atividade.



Figura 16: Representação do jogo dupla-pênalti. Fonte: Criado pelo autor

Jogo: Dupla-Pênalti

🎯 Objetivo:

Trabalhar a finalização e defesas em situação de pênalti.

🕒 Duração: 1 aula

📍 Local: Quadra/campo/pátio da escola

⚙️ Desenvolvimento:

1ª ETAPA

Organização/recursos materiais:

Será utilizada uma bola para cada grupo e também uma trave, que poderá ser formada por cones caso não haja trave oficial.

2ª ETAPA

Organização da turma:

A atividade será de enfrentamento entre duplas, formadas por um aluno e uma aluna.

Dependendo do número de bolas e traves disponíveis, podem ser realizados vários jogos ao mesmo tempo.

Organização da atividade:

As duplas irão se enfrentar em cobranças de pênaltis, de modo que cada aluno possa chutar 3 pênaltis e fazer a função de goleiro em 3 cobranças.

Cada dupla irá ter 6 cobranças. Ao final, a dupla que tiver marcado mais gols, será a vencedora.

3ª ETAPA

Observações:

O professor deve avaliar se os níveis de força dos alunos é equiparado para que meninos e meninas possam se enfrentar diretamente entre bater(a) x goleiro(a), ou se as meninas disputam contra as meninas e meninos contra meninos.

Avaliação da atividade:

Ao fim do jogo, reúna os alunos, a fim de que eles exponham suas dificuldades e percepções sobre a atividade. O que eles acharam sobre os enfrentamentos? Acham possível meninos e meninas disputarem diretamente entre si as cobranças?

4ª ETAPA



Figura 17: Representação do jogo atravessando o rio. Fonte: Criado pelo autor

Jogo: Atravessando o rio

🎯 **Objetivo:**

Vivenciar um jogo lúdico, trabalhando a condução e controle de bola.

🕒 **Duração:** 1 aula

📍 **Local:** Quadra/campo/pátio da escola

⚙️ **Desenvolvimento:**

Organização da atividade:

Um(a) aluno(a) ficará no centro do espaço, onde poderá se mover apenas lateralmente.

Os demais alunos ficarão em uma linha ou espaço demarcado (podendo ser a área da quadra), cada um com uma bola. Ao sinal do professor, deverão “atravessar o rio”, conduzindo a bola até o outro lado do espaço (outra área), sem serem pegos pelo aluno que está no centro.

Quem for pego pelo aluno do centro, deverá se juntar a ele na função de “pegador”. O jogo continua até que todos sejam pegos.

3ª ETAPA

Observações:

O aluno “pegador” que fica no centro, pode ou não conduzir uma bola enquanto tenta pegar os demais, ficando a critério do professor.

Avaliação da atividade:

Ao final do jogo, solicite aos alunos que deem sugestões de variações para a atividade, colhendo a avaliação deles sobre a dinâmica.

4ª ETAPA

1ª ETAPA

Organização/recursos materiais:

Serão utilizadas apenas bolas (quantas forem possíveis) e cones, caso não haja marcação no chão do espaço.

2ª ETAPA

Organização da turma:

Cada aluno deverá ter uma bola (de qualquer tipo), para realizar a condução individualmente. Caso haja poucas bolas, o(a) professor(a) pode organizar grupos para se revezarem na execução da atividade.



Figura 18: Representação do jogo paredão. Fonte: Criado pelo autor

Jogo: Paredão

🕒 **Objetivo:**

Trabalhar o fundamento do chute em forma de jogo.

🕒 **Duração:** 1 aula

📍 **Local:** Quadra/campo/pátio da escola

⚙️ **Desenvolvimento:**

1ª ETAPA

Organização/recursos materiais:

Serão utilizadas bolas de futebol (ou similares), giz de cera ou fitas e papéis coloridos para a marcação das formas de pontuação na parede.

2ª ETAPA

Organização da turma:

O jogo será de maneira individual, porém, com vários competidores ao mesmo tempo.

Dependendo do número de bolas disponíveis, o(a) professor(a) pode organizar a turma em grupos, para que haja revezamento na prática da atividade.

Organização da atividade:

Os(as) participantes deverão, em um tempo determinado pelo professor (1 minuto, por exemplo), realizar vários chutes para acertar os desenhos na parede.

Cada desenho terá uma pontuação (exemplo: quadrado vale 2 pontos, triângulo vale 3 pontos e etc) a ser determinada pelo professor.

Vence o jogo aquele que somar mais pontos.

3ª ETAPA

Observações:

O(a) professor(a) pode fazer a disputa em grupos, organizando os mesmos com número igual de meninos e meninas.

Avaliação da atividade:

Ao fim do jogo, reúna os alunos, a fim de que eles exponham suas dificuldades e percepções sobre a atividade. O que eles acharam sobre a atividade? O jogo ficou mais atrativo e justo se jogado de maneira individual ou coletiva?

4ª ETAPA



Figura 19: Representação do jogo time dentro/time fora. Fonte: Criado pelo autor

Jogo: Time dentro/time fora

🎯 Objetivo:

Fazer o jogo propriamente dito, colocando meninos e meninas como protagonistas.

🕒 Duração: 1 aula

📍 Local: Quadra/campo/pátio da escola

⚙️ Desenvolvimento:

1ª ETAPA

Organização/recursos materiais:

Serão utilizadas bolas de futebol (ou similares), traves e coletes coloridos (se possível) para a divisão dos times.

2ª ETAPA

Organização da turma:

A turma será dividida em times, de modo que cada time tenha um número igual de meninos e meninas.

Exemplo: Time de 10 pessoas (5 meninas e 5 meninos), ou time de 8 pessoas (4 meninos e 4 meninas).

O(a) professor(a) poderá organizar essa divisão considerando o número total de alunos na turma e o espaço disponível para a prática.

Organização da atividade:

O jogo será uma disputa de futebol, com tempo de jogo determinado pelo(a) professor(a).

O tempo total de jogo será dividido em 4 partes, sendo que cada parte será jogada por metade de cada time.

Por exemplo: em um jogo de 8 minutos, as meninas iniciam jogando contra as meninas do outro time. Após 2 minutos (primeira parte), as meninas saem e os meninos entram. Essa troca irá acontecer até o fim do tempo total de jogo.

3ª ETAPA

Observações:

É extremamente importante que meninas e meninos joguem a mesma quantidade de tempo.

O resultado do jogo é o resultado somado entre as quatro partes de tempo.

Avaliação da atividade:

Ao fim do jogo, reúna os alunos, a fim de que eles exponham suas dificuldades e percepções sobre a atividade. O que eles acharam sobre a atividade?

4ª ETAPA

➡ ATENÇÃO!

Nessa atividade, pode haver uma “cobrança” dos meninos sobre as meninas. É importante que o professor oriente previamente que os que estão fora do campo aguardando a troca, devam incentivar suas colegas de time.



Figura 20: Representação da atividade no caminho do gol. Fonte: Criado pelo autor

Atividade: No caminho do gol

Objetivo:

Trabalhar o controle e condução de bola, associando a finalização.

Duração: 1 aula

Local: Quadra/campo/pátio da escola

Desenvolvimento:

Organização da atividade:

Em um espaço determinado pelo (a) professor(a), serão espalhados diversos cones, que servirão como obstáculos.

Os alunos ficarão alocados em “linha”, no início do espaço. Ao sinal do(a) professor(a), cada participante deverá conduzir sua bola pelo “caminho do gol”, driblando os obstáculos (cones), até chegar próximo a trave e finalizar com o chute a gol.

3ª ETAPA

Organização/recursos materiais:

Serão utilizadas bolas de futebol (ou similares), cones diversos e traves.

Observações:

Dependendo da quantidade de alunos(as) conduzindo bola ao mesmo tempo, podem ser colocadas mais pessoas na função de goleiro(a). Dois, três goleiros...

Durante a atividade o(a) professor(a) pode instruir como a condução e o chute podem ser feitos, de forma a melhorar a técnica individual.

Avaliação da atividade:

Ao fim do jogo, reúna os alunos, a fim de que eles exponham suas dificuldades e percepções sobre a atividade. O que eles acharam sobre a atividade? Gostaram mais de chutar ou ficar como goleiro(a)? Como poderiam modificar juntos a atividade?

4ª ETAPA

1ª ETAPA

Organização da turma:

A turma será dividida em grupos, conforme o número de bolas disponíveis para a atividade, de modo que cada aluno(a) fique com uma bola.

Um(a) aluno(a) deverá ficar como goleiro, sendo trocado após um tempo determinado, de forma que todos possam experimentar a função.

2ª ETAPA



Figura 21: Representação da atividade quadrado mágico. Fonte: Criado pelo autor

Atividade: Quadrado mágico

Objetivo:

Trabalhar os fundamentos de domínio e passe, associados a movimentação.

Duração: 1 aula

Local: Quadra/campo/pátio da escola

Desenvolvimento:

Organização da atividade:

Com a utilização de 4 cones, será formado um quadrado, com aproximadamente 10 metros de distância de um cone a outro.

Os alunos ficarão alocados nos cones, se dividindo em números iguais (filas).

Em cada quadrado será utilizada uma bola, que iniciará em uma das filas. Ao sinal do(a) professor(a), o aluno que tem a posse da bola deverá executar um passe para qualquer uma das outras 3 filas e se deslocar para o fim dessa fila a qual a bola foi passada. Por sua vez, o(a) aluno(a) que recebeu o passe, deverá fazer o domínio da bola e repetir o processo de passe e movimentação.

3ª ETAPA

4ª ETAPA

1ª ETAPA

Organização/recursos materiais:

Serão utilizadas bolas de futebol (ou similares) e cones).

2ª ETAPA

Organização da turma:

A turma será dividida em grupos de no mínimo 4 e no máximo 12 integrantes.

Observações:

O(a) professor(a) pode colocar um participante no centro do quadrado, com função de marcador, a fim de dar mais dificuldade para a execução do passe.

Avaliação da atividade:

Ao fim do jogo, reúna os alunos, a fim de que eles exponham suas dificuldades e percepções sobre a atividade. O que eles acharam sobre a atividade? Gostaram mais de chutar ou ficar como goleiro(a)? Como poderiam modificar juntos a atividade?



Figura 22: Representação do evento culminante: competição. Fonte: Criado pelo autor

Evento culminante: Competição

🎯 **Objetivo:**

Propiciar o jogo em ambiente competitivo, como ferramenta de desenvolvimento.

🕒 **Duração:** 1 ou mais aulas

📍 **Local:** Quadra/campo/pátio da escola

⚙️ **Desenvolvimento:**

Observações:

Após a execução das atividades anteriores, faremos uma competição como evento culminante.

O(a) professor(a) pode fazer times mistos, ou masculinos e femininos. Ou os 3!

A competição pode ser realizada dentro da própria turma, ou, entre várias turmas, numa espécie de “Jogos Interclasses”.

É importante que o ambiente seja saudável, então o(a) professor(a) deve enfatizar previamente o sentido da competição e do esporte da escola.

Independente do resultado final, é muito importante que todos sejam premiados de alguma forma, como sinal de reconhecimento.

Organização/recursos materiais:

Serão utilizadas bolas de futebol (ou similares), traves e uniformes (ou coletes).

2ª ETAPA

Organização da turma:

Os participantes da atividade serão divididos em grupos (times), com números iguais de participantes.

Organização da atividade:

Será organizada uma tabela de jogos, desenvolvida a partir do número de equipes formadas para a atividade. O sistema de disputa, poderá ser eliminatório ou em chaves, ficando essa definição a cargo da organização.

É interessante que as equipes joguem o maior número de partidas possível, a fim de que aproveitem ao máximo a experiência.

As equipes campeão serão definidas de acordo com o sistema de disputa escolhido pela organização da competição: via final caso seja sistema eliminatório, ou por pontos caso seja sistema de chaveamento.

Ao fim da competição, todos recebem a premiação.

Avaliação da atividade:

Ao fim do jogo, reúna os alunos, a fim de que eles exponham suas dificuldades e percepções sobre a atividade. O que eles acharam sobre a atividade? O ambiente competitivo foi agradável? O que poderia ser melhorado?

3ª ETAPA

4ª ETAPA

1ª ETAPA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Professora, professor.

Buscamos ao longo deste caderno pedagógico, trazer uma gama de conteúdos e de oportunidades que possam lhes auxiliar no processo de condução de atividades que envolvam o futebol e suas particularidades no ambiente escolar.

Destacamos que o conteúdo aqui apresentado não trata-se de uma “receita de bolo”. Sabemos que cada ambiente tem suas características, seus personagens e suas dificuldades, e que você, professora ou professor, é o(a) conhecedor(a) de sua realidade.

Os conteúdos conceituais apresentados sobre história e gênero, podem ser abordados de maneira reflexiva e provocante a discussões. Ações como seminários, rodas de conversa, apresentações e debates podem trazer um envolvimento maior da comunidade escolar sobre esses assuntos, ampliando a possibilidade de compreensão de sua importância e necessidade.

Os jogos sugeridos como conteúdos procedimentais não devem ser encarados como o fim nesse processo de busca pela igualdade entre os gêneros na prática do futebol escolar, e sim como um meio. Embora os jogos apresentados favoreçam a participação das meninas, suas aplicações não garantem que tudo irá fluir como o esperado. As ações conceituais e atitudinais expostas anteriormente, devem ser introduzidas de maneira que acompanhem a realização dos jogos. Nesse processo, a condução e a intervenção do(a) professor(a) é fundamental, para que o ambiente vivido seja o mais seguro e atrativo possível.

Obrigado por conhecer nosso trabalho.

Desejamos sucesso em sua jornada.

REFERÊNCIAS

- BONFIM, A. F. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. 2019. 213 p. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, 2019.
- BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997. 122 p.
- COSTA, L, M. *O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980*. Revis. do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n.13, p. 493-507, 2017.
- DACOSTA, L (org). *Atlas do Esporte no Brasil*. Brasil: Ed. Shape, 2005. 924 p.
- GOELLNER, S. V. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. Rev. Bras. de Educ. Física e Esporte, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 184p.
- PRADO, V. M.; ALTMANN, H.; RIBEIRO, A. I. M. *Condutas naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero? Currículo sem fronteiras*, v. 16, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2016.
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez. 1995.
- SILVA, G. C. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. 2015. 135 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

UOL. Manaus, o lugar onde o futebol feminino é o verdadeiro esporte nacional. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2017/07/08/manaus-o-lugar-onde-o-futebol-feminino-e-maior-que-o-masculino.htm>. Acesso em: 01 Ago. 2025.